

PAULO MONTEIRO: UM NÔMADE CHEIO DE CAUSOS

Moisés Rabelo Varjão¹

Nascido a margem esquerda do Rio Vaza Barris, na localidade denominada Caipã, veio ao mundo Paulo Monteiro Varjão no dia 26 de janeiro de 1903. Paulo Monteiro será muitos anos depois alvo de questionamentos sobre a epopeia da guerra de Canudos, que até hoje não se chegou a um consenso. Seus ascendentes por parte da mãe tiveram participação efetiva na vida do Conselheiro, enquanto existiu a cidadela. Eram sua mãe e avó figuras carimbadas no cotidiano do Bom Jesus Conselheiro, ainda que dissesse Paulo Monteiro, que sua genitora contasse causos inusitados sobre os costumes do líder canudense, há de se colocar em voga o momento da principal refeição do peregrino, quando este usava 12 pires, símbolo maior do seu sincretismo religioso, os pires eram uma alusão aos 12 apóstolos. Ainda sobre seus antepassados quero dizer que meu pai era Monteiro duas vezes, a mãe era sobrinha e nora de Joaquim Lourenço Monteiro o celebre Quinquim do Coiqui citado pelo grande e mortal Euclides da Cunha no livro os Sertões, obra literária de grande prestígio nacional.

Os primeiros anos de vida de Paulo Monteiro foi de alguma forma meio nômade, saindo do Caipã sua terra natal, foi para o Rio do Soturno, onde de lá partiu para Formosa, não foi tão garboso assim. Chegou na Fazenda São Francisco que pertencia a um genro de Ângelo dos Reis, de nome Pedro Alves da Silva e Souza, montesantense. Em 1906 meus avós já tinham filhos: Antônio Monteiro (1901), Paulo Monteiro (1903), Joana Monteiro (1905). A prole aumentou lá na Fazenda São Francisco, nascendo depois Cirilo Monteiro (1907), Absalão Monteiro (1909), Norberto Monteiro (1912) e por fim Maria Monteiro (1915). Anos mais tarde vem o primeiro revés, falece aos 47 anos o pai, de morte súbita; decorria 18 dias do mês de outubro de 1922. Apesar de ser mais novo que Antônio seu irmão, Paulo é quem assume os destinos da Fazenda e ali faz a vez de arrimo de família. O segundo momento muito difícil para os monteiro, foi a passagem

¹ Moisés Rabelo Varjão nascido em 21 de dezembro de 1962 é filho de Paulo Monteiro. Graduado em História pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco – CESVASF em 2006.

dos revoltosos, em Abril de 1926, liderada pelo porto-alegrense Luís Carlos Prestes, quando passaram na casa de minha vó não tinha ninguém, pois haviam fugido para o mato com medo de sofrerem represálias, arrombaram a casa e queimaram livros e documentos. Um adendo, os revoltosos tratavam os sertanejos de *Vaqueano*, isso dito por meu Paulo Monteiro.

Dois anos depois da passagem da Coluna Prestes, começa o tão badalado e comentado bando de Virgulino Ferreira o “Lampião”, que chega em 21 de agosto de 1928 na Várzea da Ema, na casa de César e Donana. O grupo de bandoleiros cometeu muitas atrocidades nas adjacências de Formosa e região, permaneceram por lá até 1932. Um episódio que merece destaque foi na taipa da casa de Ana Félix, esposa de Justiniano, primo carnal de Pedro Monteiro e Maria Monteiro. Um irmão de Paulo Monteiro de nome Cirilo, cidadão destemido se prontificou em tocar uma harmônica na noite, após a construção da residência, não tocou por falta do instrumento, um irmão mais moço fugiu para o mato com medo, era Absalão, chegando ao local onde se encontrou com Lampião, Cirilo se justifica e passa o resto da noite tomando conhaque, ao amanhecer o Rei do cangaço o convidou para acompanhá-lo, no que ouviu um sonoro “não”, o capitão comentou que meu tio era um homem disposto e muito corajoso .

Seu enlace matrimonial com Silviana na cidade de Monte Santo realizou-se em 28 de julho 1931. Conviveram mais de 62 anos, eram parentes e não sabiam, haja vista que minha mãe era bisneta de José Rabelo de Moraes, primeiro presidente da Câmara de Vereadores de Jeremoabo o que dava-lhe a condição de atuar como prefeito, e Maria Francisca Varjão, portanto uma Varjão de quatro costados. Da união deste casal nasceram 16 filhos, apenas 13 se criaram. São eles: Antônio (1932), Manoel (1934), José (1937), Maria (1939), Laudice (1941), João (1943); Raimunda In Memoriam (1944), Rosália (1945), Erotildes (1947), Rosalice (1948), Albino In Memoriam (1952), e por fim Moisés (1962).

Aqui está o cerne da questão, em 1932 já na era Vargas, tínhamos como governador Juracy Montenegro Magalhães, que diga-se de passagem meu pai tinha verdadeira ojeriza. Um dos comandantes de volantes era o famigerado Douradinho, que em 19 março de 1932 Paulo Monteiro é intimado a comparecer na sede do povoado Formosa e lá estavam os militares. Na lista de procurados estava um filho de Pedro

Monteiro que seria Cirilo e não meu pai. Que no lugar deste foi torturado da Formosa até Várzea da Ema. Quando chegaram na Várzea da Ema pararam em uma casa, seu Paulo pediu água, quando bebeu escureceu a vista e caiu, um daqueles infelizes disse se cair eu atiro, quando se restabeleceu estavam colocando água na cabeça dele, na janela daquele lar tinha uma mulher chorando, e um deles perguntou: é seu parente? No que a mesma disse que sim, foi liberado pelos militares. Dias depois minha mãe tratava varejeiras nas costas dele. Em relação a ausência de Cirilo deve-se a sua fuga para Riachuelo – SE, juntamente com o irmão Norberto.

Veio embora da Formosa, trabalhou como vaqueiro na Fazenda Juncos, nas proximidades da segunda Canudos, de Isaias Ferreira Canário. Em 1937 é convidado por Pedro (chato) Malaquias para mudar-se para Fazenda Saco Comprido, que pertencia ao Juiz Paulo Martins Fontes, esposo de Elvira Dantas de Carvalho Fontes, irmã da proprietária da Fazenda Canudos, Mariana Dantas de Carvalho.

Paulo Monteiro costumava dizer que o Saco Comprido foi um presente de aniversário, dado por Deus em 26 de janeiro de 1937. Ali permaneceu por 15 anos, despediu-se da fazenda em 24 de outubro de 1952 indo para Serra Vermelha, esta fazenda pertencia ao Apromiano Alves Campos, pai do ex-prefeito de Euclides da Cunha, Renato Abreu Campos. Nesta propriedade teve uma passagem efêmera, apenas dois anos. A penúltima parada de meu pai, foi na localidade denominada Baixa da Toca, que ficava a 3 Km da sede do município de Canudos BR 235. Com a inauguração do Açude Público do Cocorobó, em abril de 1968, teve seu Paulo que deixar tudo para trás, pois o governo federal estava instalando o Perímetro Irrigado Vaza Barris e os lotes passariam em seu roçado. Todos os moradores ribeirinhos do Vaza Barris tiveram que deixar suas propriedades para dar lugar ao projeto de irrigação. O valor pago aos donos de terra foi irrisório, quantia esta que não deu nem sequer para comprar um pedaço de terra em outro lugar, ou mesmo uma casa digna de se morar. À época vivíamos num regime militar, jamais alguém se atreveria protestar.

A última estação de Paulo Monteiro foi na Fazenda Caldeirão, chegando por lá em 18 de março de 1972, tempos bons, outros nem tanto, pois convivíamos com os ciclos de estiagem prolongados, alguns anos que marcaram muito esta situação, isso já lá no

Caldeirão em 1976, e 1983, praticamente toda década de 1990, ano este em que conheceu a antropóloga Luitgarde Cavalcanti Barros.

Por uma felicidade do acaso, conheci em Canudos seu Paulo Monteiro, rígido e lúcido sertanejo de noventa anos de idade, outro descendente dos antigos troncos familiares da região, ou, como expressa ele mesmo, “dos antigos daqui mesmo, dos torrão de Canudos”.

Através desse informante, Quinquim de Coiqui, segundo Euclides da Cunha “um crente abnegado que alcançara a primeira vitória sobre a tropa legal”, é historicizado como Joaquim Lourenço Monteiro, pai de Pedro Monteiro seu avô. (BARROS, p.83 1995)

A conversa de estendeu e foi parar no famoso Jesuíno Correa Lima, esse imortalizado na obra de *Paulo Dantas no livro Capitão Jagunço*, desse encontro muita prosa e revelações, inclusive sobre os irmãos Vilanova, Antônio e Honório.

Seu Paulo Monteiro se refere aos Vilanova como ambiciosos, valentões, encenqueiros e assassinos. Afirma que, segundo sua mãe, eles apanharam uns cavalos de seu avô Quinquim e nunca devolveram.

(...)

Salustiana e o segundo marido, Berto, deram fuga a Jesuíno, disfarçado de mulher, porque também não gostavam dos Vilanova e não aceitam a injustiça e violência que acabavam o sonho deles de viverem em paz. (BARROS, p.90 1995)

Muitas foram os causos que meu pai contou a antropóloga e pesquisadora Luitgarde, que desde então se tornou amiga da família e até hoje mantemos contato.

Meu pai nunca perdeu o foco, mesmo com a idade já bem avançada jamais pensou em parar, sempre obstinado na criação de animais, de contar histórias e cabras ia vivendo, herdou da mãe o dom de contar histórias e estórias. Em 2002 com 99 anos já transparecia que seus dias estavam chegando ao fim, em 09 de maio de 2002 meu pai se encantou. Era um cidadão de conduta ilibada, uma memória privilegiada e que recebia com prazer e satisfação a todos que o procurava para dar informações sobre assuntos diversos, seja sobre o cangaço ou até mesmo Canudos e Antônio Conselheiro.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Luitgarde O. Cavalcanti. **Crença e parentesco na Guerra de Canudos**. IN. E. Diatary B. de Menezes João Arruda. *Canudos: as falas e olhares...* Edições UFC. Fortaleza 1995.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Edição Especial, Crítica por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Editora Ática, 1998.